

# REVISTA MARACANAN

## Entrevista

### Entrevista com Alessandra Izabel de Carvalho, Professora Associada da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Editora da *Revista de História Regional*

*Interview with Alessandra Izabel de Carvalho, Associate Professor at the State University of Ponta Grossa and Editor of the Revista de História Regional*

**Isadora Tavares Maleval\***

Universidade Federal Fluminense  
Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

**Cláudia Atallah\*\***

Universidade Federal Fluminense  
Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

**Susana Cesco\*\*\***

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Recebido em:** 28 out. 2020.

**Aprovado em:** 30 out. 2020.

Avaliado pela Equipe Editorial.



---

Entrevista realizada por e-mail, em outubro de 2020, para compor o dossiê "História Regional: novas perspectivas" da *Revista Maracanan*.

\* Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, Campus Campos dos Goytacazes, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Departamento de História. Doutora, Mestre e graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: isadoramaleval@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-4882-7907>

 <http://lattes.cnpq.br/5004479701596418>

\*\* Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, Campus Campos dos Goytacazes, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Departamento de História. Professora do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense; Mestre e graduada em História e Especialista em História do Brasil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: clauatallah@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-5298-9939>

 <http://lattes.cnpq.br/2918940954094400>

\*\*\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de História. Professora do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestre e graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: susanacesco@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-1357-3743>

 <http://lattes.cnpq.br/1534977452527340>

**Entrevistadoras: A senhora fez seu doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde defendeu, em 2005, uma tese intitulada *Montanhas e memórias: uma identificação cultural no Marumbi*. Gostaríamos de saber: como ocorreu a escolha do tema? No que consiste, em linhas gerais, a problemática tratada no trabalho? Poderia também nos dizer como foi a receptividade para esse tema na Universidade?<sup>1</sup>**

**Alessandra Izabel de Carvalho:** Comecei a frequentar as montanhas do Marumbi em 1991. O montanhismo é um esporte um tanto controverso, pois, ao mesmo tempo em que proporciona experiências singulares, muitas delas sublimes, aos seus praticantes, também os expõe a riscos que devem ser assumidos de forma consciente e deliberada. Aos poucos, fui conhecendo (ouvindo, na verdade) histórias de tempos passados no Marumbi e, conforme o impulso para as montanhas se acentuava em mim mesma, uma pergunta não saía de minha cabeça: que sentimento é esse? Como explicar a satisfação que as pessoas sentem em passar horas ou dias numa caminhada extenuante ou penduradas em um paredão? Por que, apesar das dores físicas e dos abalos psicológicos que sofrem, os montanhistas continuam voltando para as montanhas? Há uma passagem famosa no meio montanhístico que conta que, ao ser questionado por que queria tanto escalar o Everest, o inglês Edmund Hillary – que, junto com o sherpa tibetano Tensing Norgay, foi o primeiro escalador a pisar em seu cume em 1953 – teria respondido apenas: “because it’s there”. Mas se as montanhas estão lá desde muito antes do surgimento dos humanos, qual é a historicidade dessa relação? Uma coisa que ouvia muito é que as montanhas sempre haviam atraído pessoas para elas e eu me sentia desafiada a investigar mais profundamente tal assertiva. Foi então que surgiu a ideia da tese. O ponto de ancoragem para a pesquisa foi a documentação produzida por um grupo de montanhistas que frequentou intensamente as montanhas do Marumbi entre as décadas de 1940 e 1960 e se auto intitulou de “marumbinista”. O grupo criou um clube, o Círculo dos Marumbinistas de Curitiba (CMC), e foi responsável por abrir a maioria das trilhas e várias vias de escalada que ainda utilizamos. Os livros de cume (pequenos cadernos acondicionados em caixas de madeira que ficavam nos cumes das montanhas para que os montanhistas registrassem sua passagem por lá), os boletins do CMC e os diários de marumbinistas foram as principais fontes que utilizei no trabalho. A pesquisa demonstrou que o grupo edificou uma cultura própria, evidenciada por meio de um conjunto de sentimentos e atitudes para com o ambiente natural e das relações que estabeleceram entre si. Os estudos no campo da memória permitiram um entendimento da lógica interna do grupo representada nos parâmetros da sociabilidade

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi*. 2005. Tese (Doutora em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

vivenciada entre eles. Mas tal abordagem possibilitou também a identificação de camadas mais profundas de memórias que informaram, e informam ainda hoje, muito das interações que envolvem pessoas e montanhas no contexto ocidental. Em síntese, a tese trata do surgimento de uma nova sensibilidade que pode ser traduzida como o prazer de escalar montanhas.

O tema era, certamente, uma novidade no meio acadêmico. Lembro que na entrevista do processo seletivo me foi perguntado como eu pretendia trabalhar com tantos sentimentos, sensações e paixões na escritura da tese. Nesse sentido, sou muito grata ao meu orientador, o saudoso professor Edgar De Decca, por ter acreditado no potencial do projeto. Já no curso, comecei a escrever para alguns pesquisadores que eu não conhecia pessoalmente, mas acreditava que poderiam me ajudar com dicas e sugestões mais específicas sobre a questão das montanhas. Um deles foi o professor José Augusto Drummond, da Universidade de Brasília, que me respondeu algo como “belo tema, mas você terá que arcar com o ônus do ineditismo”. Até hoje, sempre que nos encontramos, lembramos e rimos do episódio, mas confesso que no começo dos estudos foi desesperador ler aquilo. A pesquisa toda foi conduzida, como tinha sido proposto, sob a perspectiva das reflexões entre cultura e memória. Quando eu já me encaminhava para o final do doutorado, conheci o prof. José Augusto Pádua, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que me disse que o que eu fazia era história ambiental, novo nó nas ideias! Mas ele tinha razão. Outras pesquisas vieram depois da tese, mas sempre priorizando a investigação das interações humanas com a natureza ao longo do tempo e do espaço, de forma que hoje posso afirmar que é esse campo de saber com o qual me identifico e por onde caminho.

**Suas pesquisas concentram-se, principalmente, nos seguintes temas: história, memória, natureza, cultura e comportamento. Como essas escolhas se refletem nas disciplinas que ministra nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)?**

São temas transversais nas disciplinas que leciono na graduação, que são História das Sociedades Modernas I e II. Já na pós-graduação consigo focar mais a discussão numa disciplina específica que ministro sobre História Ambiental. Junto com o prof. Robson Laverdi, coordeno o Núcleo de pesquisa Memória, Cultura e Natureza. Iniciamos as nossas atividades na forma de laboratório em 2013, e hoje o Núcleo se apresenta como um espaço de integração entre alunos de graduação e pós-graduação (contamos, aliás, com 3 pós-doutorandas vinculadas ao PPGH da UEPG) e é onde conseguimos promover reflexões mais elaboradas sobre os temas propostos e as pesquisas que são desenvolvidas por cada integrante do grupo.

**O dossiê “História Regional: novas perspectivas” da *Revista Maracanan* tem como objetivo ampliar o debate sobre esse tema a partir da historiografia recente que interpreta “região” como um conceito polissêmico, não apenas ligado a recortes espaciais, construídos por entidades político-administrativas. A senhora é editora de uma revista acadêmica de História Regional. Como analisa a percepção do meio acadêmico sobre estudos de História Regional?**

Sou editora da *Revista de História Regional (RHR)*, periódico do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG. O primeiro volume da *RHR* foi publicado em 1996 nas versões impressa e *online* – ou seja, e um tempo em que a internet ainda era uma novidade para a grande maioria das pessoas, inclusive na própria academia. Desde o início, o objetivo dos idealizadores, os professores Edson Armando Silva e Marco Aurélio Monteiro Pereira, foi criar uma revista que de fato fosse um veículo de socialização da produção historiográfica, daí seu empenho e dedicação para desenvolver, ainda que de forma bastante artesanal, a versão *online* com as ferramentas de programação disponíveis na época. O pioneirismo da *RHR* pode ser visto também na opção feita desde o primeiro volume pelo livre acesso ao seu conteúdo integral, um posicionamento editorial que a diferenciava de quase todas as publicações acadêmicas então presentes na rede. Temos muito orgulho do trabalho realizado ao longo desses, praticamente, 25 anos de publicação contínua da *RHR*, pois tem sido uma trajetória de muito aprendizado e várias conquistas. Mas não é e nunca foi fácil.

Ao se definir como uma publicação com foco e escopo nos estudos que se articulam no campo de pesquisa em História e Região, a *RHR* assumia uma perspectiva epistemológica muito clara: a inerência entre tempo e espaço na análise da realidade social e que ambos devem ser problematizados nas pesquisas históricas. Embora hoje isso soe bastante óbvio para a maioria dos pesquisadores, à época ainda havia certa tendência entre algumas áreas das Ciências Sociais em se considerar região como algo existente a priori, um dado na natureza, ou ainda, um determinado recorte espacial que naturalmente antecederia a história que se desenvolve dentro de suas fronteiras.

Mas, o termo vem se transformando significativamente nas últimas décadas, sobretudo a partir do campo da geografia, cuja literatura apresenta um vasto e interessante debate acerca da conceituação e da caracterização sobre o que é uma região. Não é o caso, obviamente, de fazermos aqui alusão às mais variadas posturas epistemológicas e metodológicas que marcam a historicidade da formulação e da utilização do conceito na disciplina. No entanto, é importante frisar que a compreensão de que região é uma categoria do pensamento geográfico – bastante útil, aliás, para a história assim como os conceitos de território, paisagem, lugar, fronteira, entre tantos outros –, passou a requerer do pesquisador uma abordagem mais sistêmica do tema/objeto que está sendo investigado. Afinal, se região é um espaço de referência e não uma localização pré-determinada, é fundamental que, independente da escala, a pesquisa de história regional apreenda simultaneamente as práticas

e as representações do recorte proposto, ou seja, as formas de construção, apropriação, uso e discursos acerca desse espaço.

Isso significa que a delimitação espacial de um estudo não é algo tão óbvio, como a princípio parece ser. Em termos de história regional, gosto de uma analogia feita pelo historiador Eric Van Young: "regiões são como o amor – são difíceis de descrever, mas nós as reconhecemos quando as vemos". Segundo ele, o fato de a maioria de nós, historiadores, simplesmente achar que "região é a área que estamos estudando no momento" dificulta a teorização do conceito. Na prática, "geralmente não gastamos muito tempo tentando clarificar o que queremos dizer quando falamos sobre regiões geo-históricas", assim acabamos tanto compactuando com uma abordagem simplista e simplificadora do conceito na qual região é definida apenas como o recorte topográfico da pesquisa histórica, como separando os processos históricos de seus processos de espacialização.<sup>2</sup>

Da mesma forma, a falta de reflexão crítica sobre a validade dos recortes espaciais estabelecidos pelas linhas limítrofes do mapa geográfico ou das unidades político-administrativas em relação aos temas abordados nos estudos de escala regional reforçou a ideia de que tais pesquisas representariam uma contribuição intelectual inferior ou secundária, se comparadas a investigações de amplitudes mais amplas, pois seriam apenas componentes explicativos de um sistema maior.

Penso que tais questões de ordem teórico-metodológicas ajudaram a sustentar certo preconceito acadêmico em relação aos estudos de história regional. Ao longo desses anos à frente da editoria da *RHR*, escutei comentários do tipo: "a revista é muito boa, mas vocês deveriam mudar o nome para ter um reconhecimento maior". Isso sempre me soou como um reflexo da hierarquização da produção do conhecimento científico que se concentra em e legitima uma região do país como produtora da historiografia caracterizada como nacional e/ou internacional, ao passo que o restante é regional e, conseqüentemente, de menor relevância.

Mas, assim como o conceito de região, a produção e a interpretação acerca da história regional também mudam. Processos históricos tais como a globalização e a mundialização do capital e da cultura, o advento de novas tecnologias de comunicação, os deslocamentos populacionais de variadas proporções e motivações, a disseminação de doenças, a propagação de crenças religiosas, ideias e ideologias, as mudanças ambientais, entre tantos outros, têm demonstrado que a região passa a ser ressignificada como uma categoria de grande potencial analítico.

---

<sup>2</sup> VAN YOUNG, Eric. Doing Regional History: Methodological and Theoretical Considerations. *Yearbook, Conference of Latin Americanist Geographers*, v. 20, p. 21-34, 1994, s/p. Tradução livre da entrevistada. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25765796?seq=1>. Acesso em: out. 2020.

**Gostaríamos também de saber se percebe mudanças nas pesquisas acadêmicas de História no que diz respeito à região, aos regionalismos e à importância de estudo nesse campo.**

Creio que a produção historiográfica do campo tem buscado superar uma perspectiva naturalizada de região e analisado cada vez mais justamente a historicidade dos distintos processos de regionalização, o seu caráter relacional, os modos de identificação desses espaços como possuidores de características peculiares, dos sistemas culturais que articulam e evocam os sentimentos de familiaridade, de vizinhança e de pertença, das alianças e dos conflitos internos e externos, da noção de territorialidade que o grupo, ou grupos, de pessoas que ali vivem (ou viveram) possam ter desenvolvido. A compreensão de que região é um constructo sociocultural engendrado pelas práticas e representações de diferentes grupos, classes e culturas em e sobre determinado espaço, real ou imaginário, ao longo do tempo tem repercutido positivamente na investigação e na escrita da história regional.

Tanto os temas estudados como as escalas geográficas e os recortes temporais estabelecidos são os mais diversos possíveis, de forma que uma região pode ser analisada, por exemplo, por seus aspectos físicos, econômicos ou demográficos, por divisão político-administrativa, mas também pode ser estudada em termos de elementos culturais, simbólicos e ideológicos, com base em ideias e ideários, imagens e imaginários, criados no processo de sua construção histórica como região. Pode-se assim estudar, por exemplo, os regionalismos e as identidades regionais, ou seja, determinados elementos afetivos, atitudes, maneiras de sentir e de pensar que faz com que as pessoas se identifiquem como pertencentes a uma determinada região e não a outras. De qualquer forma, é quase certo que os limites espaço-temporais estabelecidos por um critério de análise, seja de ordem cultural, política, ambiental, linguística, etc., não irão corresponder aos limites definidos com base em outros critérios. Como os marcos de delimitação de uma pesquisa são sempre uma questão de percepção, uso e conveniência de quem os concebe, cabe então ao pesquisador explicitar e sustentar teórica e metodologicamente a sua abordagem.

Na minha opinião, a principal contribuição dos estudos de história regional deve residir exatamente no enfrentamento do desafio teórico de se trabalhar com a complexidade que envolve a relação entre o material e o figurado, ou ainda, analisar uma determinada região como sendo "*locus* da coexistência do diverso, natureza e cultura ao mesmo tempo, lugar dessa contiguidade característica que é o espaço nosso de cada dia", como diz Porto Gonçalves em relação ao espaço geográfico.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> GONÇALVES, Carlos W. P. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECENÁ, Ana Esther; SADER, Emir (Orgs.). *La Guerra Infinita: Hegemonia y terror mundial*. Buenos Aires: CLACSO, 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/porto.pdf>. Acesso em: out. 2020.

**Em nossa ótica, há algumas importantes relações entre História Regional, memória e identidade. De alguma maneira, este ponto é ou foi objeto da reflexão que a senhora realiza ou realizou? Qual a influência – se ela existe – dos poderes instituídos no estabelecimento de tais relações?**

A meu ver, a produção tanto de memórias como de identidades coletivas é inerente aos processos de ocupação e reocupação de territórios e de regionalizações do espaço, quer seja, memórias e identidades são constitutivas da história e da historiografia das regiões.

Nas pesquisas que venho desenvolvendo nos últimos anos, busco analisar a história das florestas com araucária e dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate, temas inter-relacionados cujas delimitações espaciais se sobrepõem e são estabelecidas pela área de ocorrência natural no caso do primeiro (Sul do Brasil) e da existência de práticas específicas que se verificam nos remanescentes dessas florestas no caso do segundo (Centro-sul do Paraná e planalto do Norte catarinense). A questão central desses estudos, no entanto, é investigar o processo de produção de identidades: a transformação das araucárias em patrimônio simbólico coletivo, ou ainda, em elementos chaves na constituição de uma identidade cultural regional, sobretudo na experiência paranaense; e os processos de produção de subjetividades e de enunciação de uma identidade ambiental presente nas narrativas de pequenos produtores agroecológicos de erva-mate. Como procedimento metodológico, parto do princípio que essas narrativas, expressas por meio de relatos orais e/ou de representações simbólicas, tanto produzem sentido para como ajudam a atrelar os grupos e as sociedades a determinados espaços geográficos.

Histórias regionais possibilitam justamente o (re)conhecimento e a valorização de outros sujeitos históricos, uma vez que as identidades culturais e ambientais necessitam ser contadas tanto para existir – enquanto construção social, a identidade depende do diálogo com o outro para ser elaborada e transformada – quanto para serem politicamente consideradas. Nesse sentido, penso que os processos de construção de identidades são sempre inseparáveis das relações de poder observadas em micro e macroescalas.

**Por fim, agradecemos imensamente a disponibilidade e a colaboração da professora para com o dossiê da *Revista Maracanan*, “História Regional: novas perspectivas”. Há alguma consideração por parte da senhora em relação à temática que não foi contemplada por algumas das perguntas? Fique à vontade para comentar sobre algum ponto que considere pertinente quanto à História Regional.**

Gostaria apenas de parabenizar a equipe editorial da *Revista Maracanan* pelo trabalho, pois se trata um periódico que há mais de 20 anos vem contribuindo para a divulgação do

conhecimento científico produzido, sobretudo, na área da História no país. A manutenção de revistas científicas como esta, apesar de todas as dificuldades, tem se caracterizado como ato de resistência e de defesa das Ciências Humanas. Parablenizo também as professoras-organizadoras do referido dossiê pela iniciativa e agradeço ao convite para compartilhar um pouco da minha experiência. Grande abraço a todas e todos.

## Referências

- CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi*. 2005. Tese (Doutora em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).
- GONÇALVES, Carlos W. P. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECEÑA, Ana Esther; SADER, Emir (Orgs.). *La Guerra Infinita: Hegemonia y terror mundial*. Buenos Aires: CLACSO, 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/porto.pdf>. Acesso em: out. 2020.
- VAN YOUNG, Eric. Doing Regional History: Methodological and Theoretical Considerations. *Yearbook, Conference of Latin Americanist Geographers*, v. 20, p. 21-34, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25765796?seq=1>. Acesso em: out. 2020.

